CENTRO UNIVERSITARIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBIC/PIC

RELATÓRIO FINAL

CULTURAS E TRADIÇÕES NEGRAS NO MESQUITA

UM ESTUDO DA MATRIFOCALIDADE NUMA COMUNIDADE

REMANESCENTE DE QUILOMBO (2005)

Prof.ª Drª. Joelma Rodrigues da Silva
Suelen Gonçalves dos Anjos

BRASÍLIA

AGOSTO / 2006

SUELEN GONÇALVES DOS ANJOS

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE

HISTÓRIA

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBIC/PIC

CULTURAS E TRADIÇÕES NEGRAS NO MESQUITA

UM ESTUDO DA MATRIFOCALIDADE NUMA COMUNIDADE

REMANESCENTE DE QUILOMBO (2005)

Relatório Final apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB **Profª. Drª Joelma Rodrigues da Silva.**

BRASÍLIA

SUMÁRIO

1 RESUMO	04
2 INTRODUÇÃO	05
3 OBJETIVO	10
4 MATERIAIS E MÉTODO	11
5 RESULTADOS	23
6 CONCLUSÃO	24
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
8 ANEXOS	27

RESUMO

Na presente pesquisa pretendemos verificar a permanência de práticas culturais de origem africana na comunidade remanescente de quilombo “Povoado do Mesquita” situada a 24km de Luziânia-GO. Tal investigação será realizada desde uma perspectiva de gênero e, uma vez que entendemos ser a matrifocalidade central na existência das comunidades negras e afro-descendentes pretendemos verificar o papel das mulheres negras na preservação e transmissão de práticas materiais e simbólicas de origem africana na comunidade do Mesquita. As categorias gênero e raça, as teorias das representações sociais, da análise do discurso e do cotidiano nortearão nosso trabalho.

Palavras chaves: historia da cultura afro-brasileira, história regional, história da mulheres, matrifocalidade.

1. INTRODUÇÃO

Dos pouco mais de 500 anos de história do Brasil, aproximadamente 400 anos tiveram, no trabalho negro escravo, sua marca. Milhões de homens, mulheres e crianças reduzidos à condição de coisas/objetos/ferramentas construíram o que identificamos com as riquezas do país.

No momento em que assistimos a uma serie de propostas para o efetivo combate das desigualdades raciais no Brasil (dentre elas a obrigatoriedade do ensino de história da África e história da cultura Afro-brasileira), urge que historiadores e estudantes de história não entendam que a tarefa de registrar o passado e o presente dessas populações esta acabada. As atuais conquistas políticas resultam de séculos de lutas e, por compreendermos que a história e a democracia são cenários de lutas incessantes, sabemos que as lutas do povo negro no Brasil estão longe de se tornarem amenas.

A historiografia brasileira contemporânea tem se esforçado para mostrar que os quatro séculos de escravismo não foram capazes de fazer calar as vozes d'África, sendo os quilombos a expressão mais concreta dessa resistência. "O negro só se humaniza pelo crime", afirmou Jacob Gorender e os quilombos eram percebidos como um aglomerado de criminosos já que a fuga era crime passível de morte.

Mesmo na tradicional historiografia brasileira os Quilombos são apresentados como símbolos da resistência negra. Espalhados por todo território brasileiro significam que em nenhum momento os escravos acataram a absoluta desumanização a qual eram submetidos. Se, como ensinou Foucault, "onde há poder há resistência", se a existência dos quilombos, seu número e duração nos dizem que a resistência foi uma constante no período escravista, a presença das comunidades remanescentes de quilombos nos informa tanto da recusa da sociedade brasileira em aceitá-los, como da manutenção de formas de vida cotidiana herdadas da África e transmitidas de geração a geração. A resistência negra se deu também através da preservação do simbólico.

Cremos que estas "formas de vida" podem ser encontradas e apreendidas pelo olhar curioso e sensível d@ historiador@. Por essa razão, não pretendemos

registrar as origens de um quilombo, ou as incontáveis dificuldades de seus moradores na convivência/enfrentamento com a sociedade circundante. Pretendemos sim, observar as tradicionais praticas mágicas, de cura, de culinária e de trabalho no Quilombo do Mesquita, situado a poucos quilômetros da cidade de Luziânia.

Num ambiente patriarcal e escravista marcado pelas mais diversas formas de violência, não havia espaço para a manutenção das famílias negras nos moldes africanos. A este respeito,Terezinha Bernardo informa:

> ”Fui para a África, encontrei as africanas ocupando o espaço público: estavam nas feiras, trocavam bens. Mas não eram só objetos materiais que elas trocavam, as trocas dirigiam-se também para os bens simbólicos:eram músicas, orações, danças, receitas para curar o corpo, receitas para aconchegar os corações.(...) Acompanhei essas mulheres na diáspora, em terras brasileiras presenciei as lutas para sua sobrevivência e a de seus filhos, uma vez que, no lugar da poliginia, grande parte das africanas e suas descendentes viveram a matrifocalidade. Saíram pelas ruas de grande parte das cidades brasileiras vendendo artigos de primeira necessidade, quitutes preparados com suas próprias mãos. Eram as famosas negras de tabuleiro. Foram também para as feiras, abriram suas quitandas e continuaram a trocar bens materiais e simbólicos.”[1]

Algumas questões dirigem nosso olhar. Sabemos que nas famílias escravizadas ou forras as mulheres ocupavam um lugar, detinham um poder impensável para suas contemporâneas não-negras, nesse sentido, Helena Theodoro afirma que:

> “´[...] a mulher negra foi, na escravidão e nos primeiros tempos de *liberdade*, a viga mestra da família e da comunidade negras” [2]

[1] BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães : lembranças de Olga de Aleketu.** SP/EDUC, RJ/Pallas,2003. pp. 16 (sublinhados meus)

[2] THEODORO, Helena.**Mito e espiritualidade : mulheres negras.**RJ, Pallas, 1996. ppa.34

Nesse sentido, assinalamos que o Mesquita deve sua origem – de acordo com seu mito fundador - a união de duas mulheres negras que compraram as terras e fundaram a comunidade com suas famílias. Isso se deve ao fato de, sendo os negros escravos, *coisa*, foi-lhes negada – dentre outras coisas - a possibilidade de paternar,o Projeto de Lei (Lei do Ventre Livre) de 1870 assinala em seu artigo 7°

> :"[...]providencias para manter a integridade da família, estabelecendo-se que no caso de libertação das escravas, os filhos menores de oito annos acompanharão suas mãis..." [3]

A família negra se constitui, no Brasil, como unidade composta por mães e filhos.Se entendemos que a matrifocalidade dessas famílias assinala a estrutura mesma do escravismo brasileiro,devemos entender que assinala igualmente uma herança africana conforme demonstram estudiosas como Del Priore, Bernardo, Theodoro, Landes e Werneck[4].

No final da década de 1930, a antropóloga estadunidense Ruth Landes desenvolve uma pesquisa pioneira na Bahia sobre o papel das mulheres no candomblé e observa que o "matriarcado" das famílias de santo ultrapassa os limites dos terreiros estando presente também nas famílias negras e pobres, posteriormente a relação entre matrifocalidade, raça e pobreza será documentada por outr@as pesquisador@s (Fry,2002). O retrato da família brasileira apresentado pelo IBGE longe de refutar o elo entre matrifocalidade, pobreza e raça mostra a permanência da ligação entre estes elementos.

As praticas culturais tradicionais protegidas por mãos femininas foram e são fundamentais para a existência do povo negro, Fernanda Carneiro assinala ser

> "[...]indiscutível a extraordinária força das religiões como fonte de aprendizado, apoio e sustento da existência negra no Brasil.Há muitas formas de proteger a liberdade humana movidas por algo de significação verdadeira.Impedir a desorientação ateísta entre os negros no Brasil colonizado, a isto, também, chamamos ética. A expressão estética

[3] Idem
[4] Ver referencias bibliográficas .

> ancestral se manifesta nos cultos e nos modos de viver, dançar, brincar, procriar, adoecer ou buscar a cura. E o sentir-se feliz em sua existência, comunica a ética negra. A expressão corporal negra retoma o devir das particularidades e garante uma continuidade e permanência étnica que não se justifica por leis naturais." [5]

É dessa ética e dessa estética que trata esta pesquisa: avós e mães negras no Brasil contemporâneo atuando no sentido de manter uma unidade negra na pequena comunidade do Quilombo do Mesquita pertencente ao município de Luziania-GO.

Há aproximadamente 150 anos, duas forras compraram de um certo Sargento-Mor Jose Correia de Mesquita as terras do povoado, seus nomes : Aloisia Pereira Braga e Inocência Teixeira Magalhães, durante mais de um século os Pereira Braga se casaram com os Teixeira Magalhães, há cerca de duas décadas com a presença de brancos no povoado "deu esse monte de mulato" conta dona Benedita Teixeira Magalhães descendente de uma das fundadoras.

Hoje, o Mesquita possui igrejas cristãs (uma Católica e duas Evangélicas), é preciso inquirir como estes cristianismos convivem com práticas religiosas e mágicas de tradição africana, e ainda, quais elementos da "estética e ética" negra das quais nos fala Carneiro podem ser encontradas no cotidiano do povo do Mesquita.

No Mesquita existe uma escola pública de ensino fundamental onde somente duas das professoras moram na comunidade, o que nos permite perguntar qual a relação das outras professoras com a comunidade e suas tradições, se há uma relação hierárquica (saber formal e tradicional), se há o reconhecimento das tradições e da historia do Mesquita ou sua diluição na rubrica "Historia do Brasil". Economicamente, o Mesquita assenta-se na agricultura familiar, o excedente (e produtos como doces, farinha e vinho de marmelo) é vendido nas feiras das cidades próximas (Cidade Ocidental e Luziânia), precisamos averiguar o modo como as famílias se organizam para produzir e vender, sua relação com a terra e com os frutos da terra.

[5] CARNEIRO, Edison.**Antologia do negro brasileiro,** RJ, Ediouro,s/d.pp. 40 (sublinhados meus)

Labor, trabalho e ação: categorias magistralmente descritas por Hannah Arendt[6]: no que se refere às famílias negras no Brasil, foram (são?) atividades tecidas por mãos femininas.

O *esquecimento* e *desvalorização* das tradições culturais de origem africana deve-se ao racismo inscrito na estrutura da sociedade brasileira e ao fato de terem sido as mulheres, as responsáveis pela guarda e transmissão dessa cultura. De maneira extraordinariamente forte, sutil e violenta, racismo e machismo se conjugam e mantêm solidamente erguidas as muralhas do preconceito e da discriminação no Brasil contemporâneo.

[6] ARENDT. Hannah. **A condição humana.** Cia das Letras, 2000. pp.15ss

2. OBJETIVOS

A pesquisa teve por objetivo a formação do professor /pesquisador de/em História que – em nossa perspectiva - deve obrigatoriamente abrigar a união entre ética (por derivar de escolhas),política(uma vez que implica em desdobramentos) e poéticas (lembremos que *poieses* significa fazer).

Face à necessidade de pesquisar a permanência de práticas culturais de matriz africana na comunidade remanescente de quilombo “Povoado do Mesquita” a pesquisa se propôs a verificar o papel das mulheres negras na preservação e transmissão de práticas materiais e simbólicas de matriz africana, por entendermos ser a matrifocalidade fator central na unidade das comunidades negras e afro descendentes objetivando demonstrar a persistência da matrifocalidade negra nas comunidades remanescentes de quilombo o que implica em verificar a permanência de práticas materiais e simbólicas de matriz africana no Brasil contemporâneo, no sentido de contribuir para o conhecimento da história do povo negro no planalto central,da escrita da História Regional;tendo como preocupação central demonstrar o papel das mulheres negras na preservação e transmissão de bens materiais e simbólicos de matriz africana.

3. METODOLOGIA

Para realizar a presente pesquisa, o estudo *in loco fez-se* necessário para nos aproximarmos da comunidade e suas mulheres, seu dia-a-dia, seus trabalhos, suas necessidades, suas festas, etc. Igualmente necessária foi a realização de estudos acerca da vida do povo goiano, tal estudo se deu por meio de pesquisa bibliográfica e de acervo áudio visual, demonstrando as características bem específicas do cerrado com o qual a cultura de matriz africana vai se mesclar.

A pesquisa bibliográfica foi realizada dentro dos eixos propostos: história das mulheres negras, história regional e história cultural brasileira de matriz africana. A pesquisa se utiliza principalmente da metodologia da história oral, fato pelo qual boa parte do tempo foi gasto na realização das entrevistas.

As categorias gênero e raça, as teorias das Representações Sociais, da Análise do Discurso e do cotidiano formam o solo sob o qual este trabalho se ergue. Juntas, as categorias e teorias mencionadas acima, possibilitam abordar a história das mulheres, a história regional e a história da cultura brasileira de matriz africana. A realização de entrevistas nos forneceu o material necessário para nossas investigações. As entrevistas foram abertas e buscarão focalizar

> "A expressão estética ancestral [que] se manifesta nos cultos e nos modos de viver, dançar, brincar, procriar, adoecer ou buscar a cura. E o sentir-se feliz em sua existência, comunica a ética negra. A expressão corporal negra retoma o devir das particularidades e garante uma continuidade e permanência étnica que não se justifica por leis naturais." [7]

Nas entrevistas encontramos as "falas" das mulheres da comunidade remanescente e nelas (essas "falas") Representações Sociais. Por Representações Sociais entendemos

> "[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, uma visão que concorre

[7] CARNEIRO, Edison.**Antologia do negro brasileiro,** RJ, Ediouro,s/d. pág. 24.

> para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. [sendo, por esta razão] sistemas de representação que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando condutas e comunicações sociais." [8]

Nessas Representações Sociais, dedicamos especial atenção a representações de gênero, de acordo com Donna Haraway,

> "Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta. A teoria e a prática feministas em torno do gênero buscam explicar e alterar os sistemas históricos de diferença sexual, nos quais "os homens" e "as mulheres" estão constituídos e situados socialmente em relações de hierarquia e antagonismo." [9]

Como nosso foco centra-se nas práticas sócio-culturais transmitidas pelas mulheres negras na comunidade do Mesquita, as teorias das Representações Sociais e de Gênero são imprescindíveis. O acesso às Representações Sociais. é possibilitado pelo uso da Analise do Discurso, sobre a noção de discurso, repetimos aqui as palavras de Eni P. Orlandi, para quem

> "[...] a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando." [10]

É preciso perceber nos discursos o caminhar pelos diferentes papéis sociais que os indivíduos podem assumir, uma vez que buscamos perceber as mulheres em suas diferentes posições, tais como mães, esposas, trabalhadoras e tantas outras posições que permeiam seus cotidianos.

Quem fala não é um ser isolado, a experiência do diálogo implica participação/ presença de indivíduos, Marilena Chauí é incisiva ao afirmar que,

---

[8] JODELET, Denise.(org.)**As representações sociais.**RJ, EdIERJ,2001. Pág. 36

[9] HARAWAY, Donna J.. **Ciência, Cyborgs y mujeres. La reinvencíon de la naturaleza.** Madri, Ediciones Cátedra/Univ. de Valência/Istituto de la mujer, 1991. Pág. 221.

> "nenhuma experiência evidencia tanto a dimensão essencialmente intersubjetiva da vida e da vida ética quanto a do diálogo" [11]

É no dialogo que a pessoa humana se humaniza e se constrói a si e ao mundo. Assim, ser construída na linguagem faz com que as pessoas humanas sejam mutantes; na migração dos sentidos, mudamos nossa face, mudamos o mundo, fazemos a história. Ou, de acordo com Humberto Maturana,

> "[...] os seres humanos somos o que somos ao sermos humanos. Quer dizer, somos conhecedores ou observadores ao observar, e ao ser o que somos, o somos na linguagem. Ou seja, não podemos deixar de notar que os seres humanos somos humanos na linguagem, e ao sê-lo, o somos fazendo reflexões sobre o que nos acontece.[...]se não estamos na linguagem não há reflexão, não há discurso, não dizemos nada, simplesmente somos sem sê-lo, até refletirmos sobre o ser." [12]

Para a Analise do Discurso é preciso ir além da decodificação dos sentidos, é preciso buscar as condições que geram o discurso, e a analise precisa constituir um instrumental que sirva para mediar a analise e interpretação do que é dito. As palavras fazem sentido apenas em relação com as outras palavras, *contextualizadas*, circunscritas em circunstancias mais que específicas.

Buscamos no trabalho ir então além da simples transcrição das falas das mulheres, pois cada entrevista tem em si a história de quem diz, da comunidade, do povo goiano e do povo negro a esse respeito Dominique Maingueneau diz:

> "é preciso perceber o sistema de múltiplos canais, no qual o ator participa, a todo instante, quer queira ou não, por seus gestos, seu olhar seu silêncio, senão sua ausência... Em sua qualidade de membro de uma certa cultura, ele faz parte faz parte da comunicação, como o musico faz parte da orquestra. Mas nesta orquestra cultural não maestro ou partitura. Cada um toca afinando-se como outro."[13]

---

[10] ORLANDI . Eni Pulcinelli , **Análise de discurso,** Pontes, SP, 1999. Pág. 15

[11] CHAUÍ, Marilena. **Conformismos e Resistência**. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1989.

[12] MATURANA, 1999:37-38

[13] MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-Chave da Análise do Discurso*. BH: UFMG, 2000. pp. 101

Durante a pesquisa foi preciso (re) conhecer o povo goiano e sua relação com a terra e a religião, foi preciso perceber o efeito do mundo pós contemporâneo no cultura local, a esse respeito Regina Jardim Pinto informa que:

> "...pode-se pensar o seguinte exemplo: uma pedra te existência material óbvia, independente de os sujeitos históricos terem ou não conhecimento dela. Entretanto, ela só ganha significado no momento em que encontra seu lugar em discursos. A afirmação 'uma pedra é sempre uma pedra', nada diz sobre a sua significação. Pode-se imaginá-la em diferentes locais: na mão do homem neolítico, nas mãos do geólogo, em cima da mesa de um consultório medico. Nestas três situações a pedra ganha significado em três discursos distintos – ela é a matéria-prima na primeira; o objeto de estudos na segunda e peso de papel na terceira. Em qualquer época da história o conhecimento sobre a pedra estará sempre articulado discursivamente. Não existe conhecimento antes do discurso."[14]

Embora concordemos com as observações citadas acima, insistimos em assinalar que a comunidade do Quilombo do Mesquita **é** , antes mesmo de ser descrita por observadores externos. O Mesquita **é** por que sua gente, mulheres e homens negros, o construíram, viveram e lhe deram sentidos...

[14] PITO. Regina Jardim. **Com a Palavra o senhor José Sarney: o discurso do Plano Cruzado**. SP: Huctec, 1989. pp. 20

3. RESULTADOS

Ao longo da pesquisa percebemos o cotidiano como “guardião das tradições”, isto é: o quanto práticas corriqueiras nos remetem ao passado, principalmente numa comunidade agrícola onde o tempo parece passar mais devagar e as tradições tendem a permanecer, aparentemente alheias à fugacidade do mundo dito “pós moderno”.

> “Assim, o cotidiano pode ser o ponto de partida da interpretação histórica; a sua percepção na interpretação histórica depende da observação dos acontecimentos diários a partir de um olhar invertido: aquilo que parece irrelevante para representar uma dada realidade, é ali que se revela o histórico, em seu ponto de partida; há algo de empírico na investigação histórica do cotidiano; as técnicas da história oral e a “descrição densa” – uma etnografia – podem fazer se revelar o esquecido na história Sua importância? O fato histórico não paira no ar. Pertence ao mundo do cotidiano, foi ali gerado e o seu retorno a este território é que lhe confere sentido; mais que o curioso e o novo olhar que concede à história, o cotidiano revela o quanto ela é humana, marcada pelo esforço da afirmação do humano em nós e a sua incerteza. Este, o conflituoso território do cotidiano.”[15]

E foi neste território do cotidiano que as entrevistas foram realizadas, sempre abertas, foram realizadas nos lares das mulheres e em seus espaços, durante suas

[15] DESDEDITHI, Junior, **O território do Cotidiano.** Publicado em: www.historiant.com.br, acessado em 30/08/2005

práticas, pode-se conhecer às práticas de mãe, de trabalhadora, de filha, de professora, e tantos outros papeis que elas desempenham.

Durante o período destinado as entrevistas foi possível participar da Folia de Reis e da Folia para Nossa Senhora da Abadia, acompanhar a colheita do Marmelo e trabalhos na escola.

Um breve histórico...

O Remanescente de Quilombo Povoado Mesquita está localizado no município da Cidade Ocidental e a 24 quilômetros da cidade de Luziânia, em Goiás, no entorno do sul do Distrito Federal. Possui pouco mais de 3 (três) mil habitantes. Há 150 anos, o Arraial do Mesquita é formado por uma população quase que totalmente negra. Ela é quase toda descendente de escravos que foram trazidos à antiga cidade de Santa Luzia, hoje Luziânia, para a mineração do ouro no século XVIII.

Os negros foram os primeiros moradores do Arraial Mesquita, numa região fortemente tingida pela escravidão. Em 1763, o período áureo da exploração das minas de ouro, a antiga Santa Luzia chegou a ter 16.529 habitantes, dos quais 12.900 escravos.A fartura do ouro durou pouco; de 1746 a 1775, período em que muitos escravos foram mortos pela dureza da mineração e, especialmente pela febre nascida do Ribeirão do Inferno, hoje Santa Maria;com o fim do ciclo do ouro, muitos mineradores abandonaram as terras de Santa Luzia e levaram consigo seus escravos.Os mais antigos contam que as terras da região foram entregues – por compra ou doação - são duas as versões – a duas escravas, essas duas escravas são as fundadoras do povoado.

A religiosidade é característica marcante da comunidade, a Festa de Reis que ocorre na comunidade é muito famosa no Estado de Goiás. E hoje esta festa é alvo de investimentos do Governo, a partir dos projetos de incentivos financeiros às atividades culturais dos Remanescentes de Quilombo, este investimento deve-se sobretudo ao lucro turístico proporcionado com a realização das festas.O Mesquita possui tradições e identidade étnica que foram essenciais para a construção da cultura Goiana e, portanto Brasileira.

Cada família do povoado é responsável por sua produção, o excedente é vendido na Feira da Cidade Ocidental, de Luziânia e no Plano Piloto. O doce de goiaba, a marmelada e a farinha de mandioca, que mantém tradições de um Brasil Colonial em sua produção, contam como exemplos de alguns dos vários produtos que são vendidos pelo povoado.

Após a construção da Cidade Ocidental, o Mesquita perdeu (e ainda perde) seu território de forma contínua, tal perda se dá pelas invasões de suas terras por terceiros, pela compra dela para se estabelecer uma produção nos moldes do latifúndio monocultor, ou ainda para a especulação da terra - visando uma futura valorização para construção de condomínios.

Acompanha a perda da terra, a perda das casas antigas, que são documentos históricos. Elas são derrubadas para construção de outras de alvenaria ou apenas porque ocupam terras agora privadas.

Grande parte dos moradores do povoado desloca-se diariamente ou semanalmente em direção a Brasília onde ocupam lugares subalternos no mercado de trabalho. O crescimento da migração dos mais jovens do povoado também é um fato, eles vão à procura de novas oportunidades de trabalhos e de estudo nas cidades vizinhas (principalmente Brasília e Luziania).

As folias: a celebração da comunidade e da religião

Eu gostaria tanto de mostrar
O encanto magistral da natureza
Seus olhos iriam deslumbrar
Ao contemplar assim tanta beleza
A passarada no romper do dia
Gorjeia em forma de oração
O galo no puleiro anuncia
Um outro amanhecer no meu sertão.

Revoam sobre a relva verdejante
Lindas borboletas multicores
Velozes colibris a todo instante
Não cansam de provar o mel das flores
Cenário de raríssimo esplendor
Recanto de amor paz e união
Parece que o divino criador
Também reside aqui no meu sertão.

(Tião Carreiro e Pardinho)[16]

A folia representa o ciclo da santíssima trindade, é uma festividade comum a todas as cidades do entorno do Distrito Federal representando um momento de fé e de comunhão entre a população, dona Antônia demostra isso quando diz:

> "Eu dou pouso lá em casa do todo ano na Folia de Nossa senhora da Abadia, meus filhos giram nela..."[17]

Aos cavaleiros da folia são oferecidos os pousos,o pouso é uma grande festa à noite, com um banquete e é oferecida a casa para que todos os cavaleiros possam dormir. A folia tem sua lógica própria e demostra às divisões de gênero dentro da comunidade

> "Antigamente mulher não girava não, hoje já tem muita, as filhas do seu Francisco mesmo giram as três na Folia de Reis, eu acho que mulher não te que girar não, isso é coisa de homem, eu num acho bonito não"

Quando ela diz "antigamente mulher não girava", e diz "eu dou o pouso", percebe-se o espaço da mulher como o espaço domestico e o homem o espaço público.Nas comunidade agrícolas é reservado o espaço domestico as mulheres, porém mais que o espaço domestico delas é a cozinha, como Heloisa Capel aponta em seu artigo,

> " Surpeendo-me ao visitar, pela primeira vez, uma casa de fazenda colonial em Goiás. Entro pela cozinha e admiro os utensílios expostos: tachos de cobre e panelas brilham nas prateleiras dispostas pelo espaço. Nos armários, compotas de doces, cuidadosamente preparadas com frutas regionais. Hospedo-me

[16] Aquarela Sertaneja Tião Carreiro e Pardinho Composição: Luiz de Castro/Tião, cantada em um dos pousos da Folia de Nossa Senhora da Abadia

[17] Antonia Pereira Braga, entrevistada em 10 de abril de 2006.

> por alguns dias e percebo a dinâmica dos afazeres da dona de casa. Suas atividades giram em torno da cozinha (...) observo que a cozinha é o coração da casa."[18]

A fala de dona Antonia demonstra o espaço da mulher como sendo a cozinha, pois dar o pouso é principalmente oferecer o jantar a todos os foliões e a comunidade que comparece, é ela, e as outras mulheres da casa, que preparam tudo para a noite, e deveria ser este o espaço reservado as mulheres, sua resistência se manifesta no não achar bonito as mulherse girando.

O cotidiano e o trabalho : a cura, sabedoria e fé.

> O cotidiano será identificado aqui, em princípio, como "território". Configurasse assim um "lugar": espaço e tempo construídos. Como resultado de um processo de socialização em que uma forma específica de interação que relaciona o "indivíduo" ao "grupo" ocorre, engendrando personalidades, capacidades e comportamentos que se misturam em disputa pela escolha dos traços identitários, forma-se ali uma marca que transforma o "espaço" (geográfico, geométrico, variável de tempo) em "lugar"(simbólico).
> O território do cotidiano define-se assim por um lugar onde age o indivíduo tornando humana a sua vida. Dialoga o cotidiano com o estranho e o diferente, mas é somente diante destes que se reconhece.[19]

E é exatamente neste cotidiano que são aplicados o conhecimento sobre cura, alimentação e trabalho. E no dia-a-dia de ser mãe, ser, irmã ou avó que se ensina a colher marmelo, a plantar alface, a conhecer os remédios bom para machucados, que se aprende, sem obrigação, a fazer chá e sete-dor e capim santo.

[18] CAPEL, Heloisa, Cozinha como espaço do contrapoder feminino *In:* Fragmentos da Cultura. V. 14 n.6 Goiania: IFITEC, 1991. pp. 1184
[19] DESDEDITHI, Junior, idem.

> "No mato tem remédio para tudo, tem quebra-pedra para dor, tem setedor, cidreira, e a gente aproveita tudo"[20]

A tradição da cura é um outro espaço importante para a preservação da cultura, e é nesse espaço que o conhecimento dos africanos, índios e portugueses mais se misturam. Uma outra face da cura é a benza que cura não apenas os males do corpo, mais também os provenientes de mal olhado e tantos outros males.

> "Antigamente a gente chamava a benzedeira para benzer os meninos logo depois que o umbigo cais, hoje quais não se faz mais isso."[21]

Práticas como esta de benzer as crianças é ainda hoje no Brasil, a benzedeira com seus conhecimentos sobre as plantas e suas palavras. Sobre a raiz africana dessa prática Terezinha Bernardo informa:

> "Entre os africanos e seus descendentes, a utilização das folhas simultaneamente à força da palavra, muitas vezes tem o sentido de cura (...) colocando lado a lado Omulu e Ossaim, senhor bosques e das ervas."[22]

Para a Associação Brasileira de Antropólogos, o termo **Remanescente de Quilombo**:

> "O termo Remanescente de quilombo hoje não se refere a resíduos ou resquícios de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas de

[20] Dona Jerônima de Braga, entrevistada em 12/11/2005.
[21] Idem.
[22] BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Aleketu.** SP/EDUC, RJ/Pallas,2003. pp. 76

> resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar".[23]

As Comunidades remanescentes de quilombos constituem grupos que compartilham uma identidade que distingue dos demais. A identidade étnica pode estar baseada em diversos fatores como: a ancestralidade comum, uma estrutura de organização política própria, um sistema de produção particular (inclui-se aí as formas específicas de exploração e relacionamento com a terra), características comum em elementos lingüísticos e religiosos ou em símbolos específicos.

A partir da criação do Distrito Federal (DF) e do conseqüente crescimento da região do entorno, as migrações e emigrações na comunidade se tornaram mais freqüentes, resultando em modificações nas relações culturais, econômicas e simbólicas na comunidade.

A relação com a terra é alterada pela conurbação urbana decorrente da criação da nova capital, a grande procura por espaços em volta de Brasília leva muitos moradores a vender suas terras, bem como invasões a terras de propriedade da comunidade, e em outros casos desapropriações indevidas. Para o ultimo caso cito como exemplo um processo que tramita há sete anos pela desapropriação e ocupação das terras onde hoje existe um condomínio na área da RA de Santa Maria - DF. A população aguarda por decisão judicial ao seu pedido de revisão da desapropriação das terras pelo governo do Distrito Federal, e pede indenização justa pelas terras.

Em uma comunidade agrícola mudanças nas relações com a terra transformam toda a estrutura social vigente, os espaços das relações de gênero sofrem também essas mudanças, como demonstra a fala de Antonia:

> "Nossa casa era perto da Marinha[24], mas lá era terra do governo né. Ai a gente teve que se mudar, compramos casa aqui mais perto, perto da casa da Sandra. Lá a gente cuidava de tinha criação (de gado), aqui agora tem plantação de

[23] Comissão pró-indio de São Paulo: http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/oque/home_oque.html, acessado em 2001/2006

[24] A Marinha é um condomínio pequeno, perto de Santa Maria construído há uns 10 anos para funcionários da Marinha, fia localizado e próximo também a estação de radio da Marinha.

> mandioca (...) eu ajudo mais na hora de fazer a farinha né."[25]

Nos tempos que se cuidava da criação dona Antonia cuidava apenas da sua horta, o gado era vendido para o abatedouro e pronto, já a farinha exige um trabalho diferenciado que exige a sua participação. E é nessas sutis mudanças que se percebe a implicação da relação entre o território e as tradições.

[25] Antonia Pereira Braga, entrevistada em 10 de abril de 2006.

4. 5. RESULTADOS

O contato com a comunidade deixa claro o quanto estudos a respeito de sua memória são necessários, uma vez que os descendentes das negras e negros fundadores do povoado demonstram o esquecimento quase que absoluto de sua história. Principalmente nas gerações mais novas que nas novas relações de trabalho, indo para as cidades vizinhas, quebram as antigas relações com a terra e o cotidiano.

Mães que antes viam seus filhos crescerem, hoje os encontram a noite depois de um dia de trabalho. E estas trabalha principalmente em sub-empregos em Brasília, fato que fica claro quando pensamos no trajeto do linha de ônibus do Mesquita, que é a única do transporte semi-urbano a não passar pelo Park way, e sim pelo Lago Sul. Fica claro que a maioria do contingente transportado vai para os empregos oferecidos neste local, ou seja, domesticas, jardineiros, babas. E essas mães agora têm que pensar numa nova forma de educação para seus filhos, durante as entrevistas era comum ouvir sobre o quanto a criação dos filhos mudou.

E sendo no cotidiano o espaço para a transmissão de tradições, essa nova formatação da vida cotidiana as tradições se perdem, e é justamente dessas gerações que se ouve sobre a necessidade de se escrever a história. O dialogo com quem já observa o fim das antigas tradições é sempre permeado do incentivo ao registro das tradições do Mesquita que estão se perdendo.

A ausência de bibliografia a respeito dessa comunidade remanescente convence-nos da validade e importância dessa pesquisa não apenas para a comunidade, mas para também para o entorno e o Distrito Federal.

Durante a pesquisa inicio a um trabalho com os alunos da escola estadual loca, depois de oficinas sobre história local foi produzido um “jornal mural”, que é resultado do trabalho dos alunos com o resgate das tradições locais.

6. CONCLUSÃO

O contato com a comunidade deixa claro o quanto estudos a respeito de suas práticas imemoriais são necessários. A quase ausência de bibliografia a respeito dos quilombos do centro oeste demonstra a validade e importância dessa pesquisa na contribuição da escrita de uma história da região do entorno do DF. Tais estudos nos informam sobre o papel mais que fundamental das mulheres negras e suas lutas na manutenção das tradições e da força das comunidades rurais negras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, Pierre . *et all,* **Papel da memória.** Campinas,Pontes, 1999.

AEBISCHER , V. e FOREL , C. (org.) **Falas Femininas , Falas Femininas -sexo e linguagem**, SP, Brasiliense , 1983.

AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.** RJ, Rosa dos Tempos, 1997.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai : a África na filosofia da cultura.**RJ, Contraponto, 1997.

ARANTES. Antonio Augusto,(org.), **Colcha de Retalhos** : estudos sobre a família no Brasil. S.P., UNICAMP , 1993 .

ARAÚJO . Emanuel , **O Teatro dos Vícios** - R.J. , José Olímpio ,1993.

ARENDT. Hannah. **A condição humana.** Cia das Letras, 2000.

ARRUDA. Angela (org.). **Representando a Alteridade.** Petrópolis, Vozes, 1998.

ÁVILA NETO , Maria Inácia d'. **O autoritarismo e a mulher** : o jogo da dominação macho-femea no Brasil, R.J., Artes & Contos , 1994.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás : um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé.**Petrópolis,RJ, Vozes, 1997.

BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães : lembranças de Olga de Aleketu.** SP/EDUC, RJ/Pallas,2003.

CADERNOS AEL. **Mulher História e feminismo**. IFCH/UniCamp, SP, 1995/1996.

CAPEL, Heloisa, Cozinha como espaço do contrapoder feminino *In:* Fragmentos da Cultura. V. 14 n.6 Goiania: IFITEC, 1991. pp. 1184

CARNEIRO, Edison.**Antologia do negro brasileiro,** RJ, Ediouro,s/d.

CAROSO,Carlos & BACELAR, Jéferson (orgs.).**Faces da tradição afro-brasileira.**RJ/Pallas, Salvador,Ba/CEAO,1999.

CERTEAU , Michel **A Invenção do cotidiano** - Artes de Fazer , Petrópolis , Vozes , 1984.

CHARTIER , Roger . **A História cultural** : entre práticas e representações , Lisboa , Difel,1990.

Comissão pró-indio de São Paulo: http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/oque/home_oque.html, acessado em 2001/2006.

DAVIS, David Brion. **O problema da escravidão na cultura ocidental.**RJ, Civ. Brasileira, 2001

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.**SP, Contexto/ UnESP,1997.

_____. **Ao sul do corpo – Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. SP, José Olímpio Ed./EdUnB,1993.

_____ (org.). **História das crianças no Brasil**. SP, Contexto, 1999.

DESDEDITHI, Junior, **O território do Cotidiano.** Publicado em: www.historiant.com.br, acessado em 30/08/2005.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo.** SP, Perspectiva,1976.

DUBY, Georges & PERROUT, Michelle(orgs.). **História das mulheres no ocidente.** 5 vol., Ed. Afrontamento/EBRADIL, Porto/SP.

FERNANDES, Florestan.**Significado do protesto negro.**SP, Cortez/Autores Associados,1989.

FLORENTINO, Manolo & GÓES, Jose Roberto. **A paz das senzalas : famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790-c.1850.** RJ, Civ. Brasileira, 1997.

FOUCAULT , Michel . **L' ordre du discours** Paris , Gallimard ,1971 .

_____ . **História da sexualidade** vol I, II e III . S.P. Graal, 1992.

_____ . **Microfísica do Poder** 10 ed. R.J. , Graal ,1992.

_____. **Isto não é um cachimbo.** SP, Paz e Terra, 1989.

_____. **Resumo dos cursos do collége de France (1970-1982),** RJ, JZEd, 1997.

GOSMANN, Elisabeth, *et alli.* **Dicionário de teologia feminista,** RJ, Vozes, 1997.

GUARESCHI , P. e JOVCHELOVITCH , S. (org.) **Textos em representaçoes sociais** ,Petrópolis , Vozes , 1994.

HARAWAY, Donna J.. **Ciência, Cyborgs y mujeres. La reinvencíon de la naturaleza.** Madri, Ediciones Cátedra/Univ. de Valência/Istituto de la mujer, 1991.

HOLLANDA , Heloisa Buarque de .(org.) **Tendências e Impasses**- o feminismo como crítica da cultura, R.J., Rocco, 1994.

_____. (org.) **Pós-modernismo e política,** RJ, Rocco, 1991.

JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra.** SP/EDUC,RJ/Pallas, 2001.

JODELET, Denise. **As representações sociais,** RJ, EdUERJ, 2001.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres.** RJ, Ed.UFRJ,2002.

LARROSA, Jorge & DE LARA, Núria Perez. **Imagens do outro.** Petrópolis, Vozes, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista.** RJ, Vozes, 1997.

_____.(org.) **O corpo Educado : pedagogias da sexualidade.** BH, Autêntica, 1999.

MADEIRA, Felícia Reicher (org.) **Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes no Brasil**. RJ, Record/Rosa dos Tempos, 1997.

MANGUINEAU, Dominique. **Termos -chave em análise do discurso**. 1999.

NAVARRO-SWAIN , Tânia . (0rg.) **História no Plural** , Ed UnB , 1995.

_____. **O que é lesbianismo.** SP, Brasiliense, 2000.

ONU, **Conferência Mundial Sobre a Mulher** 4,RJ, ONU/FioCRUZ, 1996.

ORLANDI . Eni Pulcinelli , **Terra à Vista !** Discurso do confronto : velho e novo mundo , S.P.,Cortez Ed. , 1990.

_____. **As Formas do Silêncio** : no movimento dos sentidos , S.P., UNICAMP, 1993.

_____. **Análise de discurso,** Pontes, SP, 1999.

PRANDI, Reginaldo. **A mitologia dos Orixás.**SP, Cia das Letras, 2001.

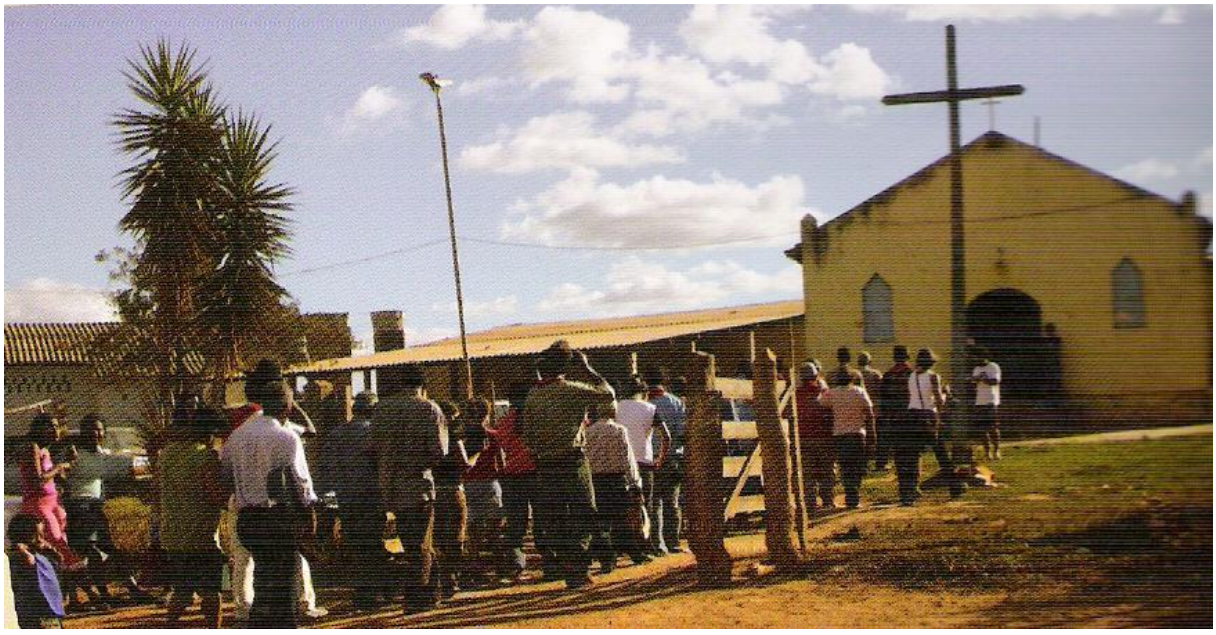
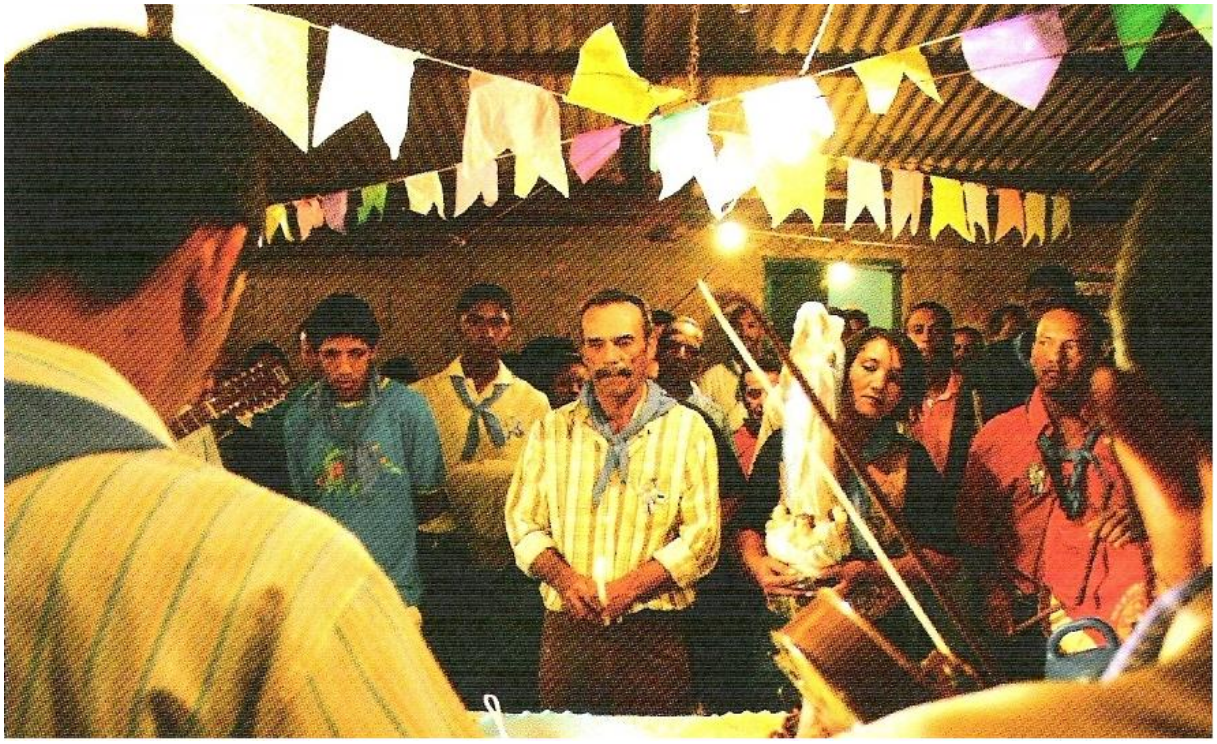
RAMOS, Artur. **As culturas negras no novo mundo.** Sp, Ed. Nacional,1979.

REZENDE, Claudia Barcellos & MAGGIE, Yvonne (orgs.).**Raça como retórica: a construção da diferença.** RJ, Civ. Brasileira, 2001.

SCARANO, Julita. **Devoção e escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no distrito Diamantino no século XVIII.**SP, Ed.Nacional, 1978.

THEODORO, Helena.**Mito e espiritualidade : mulheres negras.**RJ, Pallas, 1996.

WEIGMER, Rodrigo de Azevedo e outros. **Comunidade Negra de Morro Alto. Historicidade, Identidade e Territorialidade.** Rio Grande do Sul. Editora UFRGS, 2004

WERNECK, Jurema (org).**O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.** RJ, Palla/Criola,2000.

ANEXO A